

Imigração religiosa — uma história

Religious immigration — a history

*Alexandre Rocha Pintal**

Era uma tarde bucólica de fim de expediente quando a secretária avisou de um novo cliente que chegaria em instantes. Já vinha realizando há alguns anos serviços jurídicos “pro bono” para refugiados e outros tipos de imigrantes premidos de condições econômicas, paralelamente aos pedidos de vistos para executivos e empregados de grandes conglomerados por chamada de mão de obra. Diferentemente destes, aqueles não possuíam muitas opções de vistos que lhes permitissem a residência – pelo menos não de modo simples, à luz do estatuto do estrangeiro e do conselho nacional de imigração.

Tanto os requisitos legais para o refúgio quanto para os vistos não atrelados a trabalho formal temporário ou permanente, requisitado por empresa brasileira, exigem comprovação um tanto mais complexa das circunstâncias peculiares que obrigaram a saída do estrangeiro de seu território, e isto me instigava a atuar.

O caso do nigeriano que viria a conhecer me provocou um choque de realidade mais profundo que os antecedentes. Alterei seu nome para preservar-lhe a intimidade.

Imbue chegou no horário marcado para a conversa, e colocou calmamente o guarda-chuva encharcado no canto da sala de reuniões. Com um típico sorriso desconfiado de quem enfrentaria a burocracia de um Estado do qual não era nacional, me cumprimentou discretamente e se sentou, proferindo um “boa tardi” com sotaque africano evidente.

Perguntou se eu preferia falar em português ou inglês, e lhe respondi que tanto fazia. Começou a explicar seu histórico na Nigéria, de onde era nacional, mas logo percebi que o português ainda estava muito precário, pedindo-lhe para prosseguir na língua nativa dele — a Nigéria fora colônia britânica até os anos 1960.

* Alexandre Rocha Pintal é autor de *Direito Imigratório* (2ª ed. Juruá: Curitiba, 2014), advogado inscrito na OAB/PR sob o número 42.250, membro da American Bar Association, pós-graduado em Direito Público, do Trabalho e Previdenciário. Autor e articulista de sites e revistas especializados

Imbue era membro integrante de uma igreja de matriz católica na região, trabalhando como voluntário. Lá, preparava as celebrações das missas, batismos e outras cerimônias essencialmente litúrgicas, mas também cuidava da manutenção da igreja. Me disse que era um bom marceneiro e isso o credenciou para os muitos concertos e ajustes nos móveis que a guarneciam. Também representava a agremiação em projetos sociais da comunidade, construindo casas e escolas.

Imbue era muito perspicaz e disposto a prosseguir no auxílio à igreja, mas me contou que não veio ao Brasil com visto regular. Havia adentrado à fronteira como clandestino num navio saído da África, com passagem pelos Estados Unidos e outros países, desembarcando em Santos (SP).

A longa viagem renderia algumas histórias para além da principal, cuja causa lhe obrigou a fugir da Nigéria. Elas ilustram dificuldades, mas também a coragem destes seres humanos que, sozinhos ou acompanhados de suas famílias, deixam tudo para trás em busca de uma nova vida.

Num certo dia Imbue estava auxiliando o padre numa missa, próximo ao púlpito, quando um ruidoso estrondo irrompeu na frente da capela, destruindo parte da entrada e atingindo as primeiras fileiras de pessoas sentadas. “A fumaça se confundia ao cheiro de carne humana queimada”, disse-me com olhos marejados. Ao perceber homens armados com fuzis adentrando pela abertura destruída, gritando palavras de ódio aos cristãos, correu para a porta dos fundos detrás do santuário. O clérigo correu para o outro lado e foi alvejado com uma rajada fatal. Imbue conseguiu escapar e se confundir no meio da multidão do lado de fora, que ao ouvir a explosão da bomba e tiros se dispersou.

O rapaz deixou para trás o irmão e os pais que estavam dentro da igreja e mais tarde viria a saber que os últimos faleceram com a queda de uma das paredes da estrutura, mas o irmão sobreviveu em meio aos escombros, tendo sido levado a um hospital da região.

Embora tenham mirado nos fiéis que lotavam a missa, o objetivo do grupo terrorista “Boko Haram” era assassinar os que trabalhavam para a igreja, como meio de intimidar católicos e forçá-los a abandonar o país. Todos os dezessete integrantes do grupo auxiliar da missa, exceto Imbue, faleceram. Ao chegar em São Paulo, uma ONG o encaminhou a Curitiba onde conseguiram-lhe um dormitório numa igreja local. Ele desejava regularizar a situação migratória e encontrar o irmão.

Após algumas reuniões com assistentes do escritório, explicando-lhes as diligências que precisariam ser executadas, orientei o africano na busca pela documentação necessária, inclusive traduções oficiais, e pleiteamos o visto para missionário, que, após alguns meses, foi deferido sem ressalvas, a partir de uma declaração dele e outra do pároco responsável, firmando a intenção de residir permanentemente no Brasil.

Nas duas ocasiões posteriores que o reencontrei, o português (linguagem) já era suficiente para um diálogo, o que indicava participação ativa nas atividades para as quais se candidatara. A tristeza deu lugar à alegria de rever o irmão, após um golpe de sorte numa rede social.

Perseguições religiosas ainda são uma das maiores causas de imigração pelo globo, merecendo sensibilidade das autoridades brasileiras e da Organização das Nações Unidas (ONU).

Esforços continuados do Vaticano também têm permitido transferências individuais e coletivas de missionários a países simpáticos a recebê-los, mas o apoio de governos locais na África ainda carece de um aprofundamento. Lutas religiosas, políticas e a corrupção ainda dificultam em muito as ações humanitárias.

O Brasil, a par dos desafios, tem se mostrado afável à atenção dos imigrantes religiosos. Um país de forte e eclética tradição religiosa, desde sua formação jesuítica inicial, não poderia mesmo negligenciá-los.